Brasil fica fora do clube nuclear

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Brasil e Argentina não pretendem aderir ao Clube de Londres, grupo integrado pelos países que já dominaram a tecnologia nuclear. A posição dos dois países foi divulgada ontem pelo presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Rex Nazareth Alves, e da Comissão Nacional de Energia Atômica da Argentina, Ema Perez Ferreira, durante entrevista na sede da Cnen, no Rio.

O professor Rex Nazareth lembrou as pressões que o Brasil já sofreu através do Clube de Londres, quando ainda não dominava a energia nuclear, o que foi possível através do projeto autônomo, também conhecido como "paralelo", desenvolvido pela Cnen e pela Marinha.

Os dois presidentes concordaram, entre outros pontos, que "Estados Unidos e União Soviética são os donos das chaves do Clube de Londres". Um clube fechado, inspirado no tratado de não-proliferação de armas nucleares, o Clube de Londres foi criado na década de 60 pelas duas superpotências, mas o Brasil não o reconheceu já na assembléia geral da Organização das Nações Unidas (ONU) de outubro de 1967.

CONTROLE TECNOLÓGICO

O presidente da Cnen disse que "se no setor de petróleo houve a criação da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), na área nuclear o quadro foi mais complicado: há o Clube de Londres, formado com dupla finalidade — tanto para o controle do material quanto para o controle da tecnologia. Então se constitui em uma tentativa de, sob o pretexto de evitar a proliferação (das armas nucleares), manter o oligopólio da tecnologia nuclear".

"Eu espero que o Brasil para sempre não pretenda entrar neste clube. Os membros do Clube são Estados Unidos, União Soviética, Holanda, Inglaterra e Japão, praticamente todos os países industrializados que dominam a energia nuclear", acrescentou Rex Nazareth.

Os presidentes das comissões enfatizaram, ainda, a cooperação desenvolvida entre os dois países no campo da energia nuclear. Através dela, poderá até ser desenvolvido um projeto para a produção de um reator rápido, para o futuro, que pode ser viável dentro de alguns anos. A cooperação, segundo Rex Nazareth Alves, terá a "complementariedade entre seus pontos mais relevantes".